

Utilização de grupos focais em teses e dissertações do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Uberlândia

Rego, Thais Cristina Figueiredo¹¹Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia e docente das FIPMoc

RESUMO

Especificamente na área educacional, os grupos focais podem ser utilizados para coletar informações sobre os pensamentos e sentimentos dos participantes, levando-os a refletir e expor suas ideias acerca da temática proposta. O presente estudo tem como objetivo verificar a utilização de grupos focais em teses e dissertações do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no período de 2005 a 2012. Utilizou-se, para a pesquisa, o sistema de busca da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Uberlândia - BDTUFU. A primeira busca resultou de um total de 267 teses e dissertações armazenadas no PPGED. A segunda busca, mais refinada e detalhada, utilizou a opção “Busca avançada”, preenchendo os campos de resumo e título com as palavras “grupo focal”, “grupos focais” e “focus group”, obtendo um retorno de 05 registros. Conclui-se que, apesar do grupo focal ser uma ferramenta capaz de criar condições para que os participantes possam inferir, fazer críticas e se posicionar acerca da temática para o qual foram convidados a conversar, o que enriquece a coleta de dados e beneficia a análise de dados a ser realizada pelo pesquisador é uma técnica pouco utilizada pelos pesquisadores do PPGED (apenas 1,87% dos trabalhos).

Palavras-chave: Grupos focais. Pesquisa Qualitativa. Técnica de coleta de dados.

INTRODUÇÃO

Os grupos focais (GF), desde a década de 1920, são utilizados como técnica de pesquisa em marketing. Robert King Merton, sociólogo americano, é considerado o pai das entrevistas com grupos focais. Ainda nos anos 1950, ele utilizava essa técnica para estudar as reações das pessoas a textos, filmes e questões diversas. A partir de 1970, os GF tornaram-se uma fonte de informação para pesquisas em áreas como comunicação, avaliação de materiais ou serviços (GATTI, 2012; GOMES, 2005)

Segundo Gomes (2005), por muito tempo o grupo focal foi utilizado apenas como uma técnica de entrevista de marketing e, dentro da ciência, ele era posto a segundo plano. A partir de 1980, surgiu a preocupação em utilizá-la na investigação científica e, somente no final do século passado, houve um desenvolvimento de modo sistemático do grupo focal como técnica de pesquisa nas ciências sociais em geral (GATTI, 2012)

Utilizado essencialmente em pesquisas qualitativas, o grupo focal é “uma técnica de pesquisa na qual o pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico” (CRUZ NETO; MOREIRA; SUCCENA, 2002, p. 5).

Por se tratar de uma técnica que permite às pessoas envolvidas expressarem o que pensam e por que pensam, possibilita ao pesquisador capturar formas de linguagem, expressões e tipos de comentários, a partir das interações do grupo, que enriquecem sobremaneira a pesquisa (GATTI, 2012)

Os grupos focais são muito utilizados em pesquisas da área da saúde, porém, nas últimas décadas, seu uso se ampliou em áreas como sociologia, psicologia e educação (RESSEL *et al.*, 2008).

Especificamente na área educacional, os grupos focais podem ser utilizados para coletar informações sobre os pensamentos e sentimentos dos participantes, levando-os a refletir e expor suas ideias acerca da temática proposta. Temas como indisciplina, dificuldades de aprendizagem, sexualidade ou gestão escolar podem ter seus níveis de discussão ampliados se colocados em debate com várias pessoas (GOMES, 2003)

Partindo-se do pressuposto que as pesquisas em educação buscam respostas a problemas que dizem respeito à sociedade, percebemos nos grupos focais uma forma de criar condições para que os participantes possam analisar, inferir, fazer críticas e se posicionar acerca da temática para o qual foram convidados a conversar coletivamente (GATTI, 2012)

Por se tratar de uma técnica de coleta de dados relativamente nova no campo educacional e por apresentar vantagens peculiares na sua utilização, os grupos focais apresentam-se como uma alternativa pertinente às pesquisas nessa área. Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo verificar a utilização de grupos focais em teses e dissertações do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no período de 2005 a 2012.

O PPGED da UFU foi criado em 1988 e deu início às suas atividades regulares em março de 1990. Possui como área de concentração a temática “Educação” que é desenvolvida em torno de cinco linhas de Pesquisa: História e Historiografia da Educação, Saberes e Práticas Educa-

tivas, Estado, Políticas e Gestão em Educação, Trabalho, Sociedade e Educação e Educação em Ciências e Matemática. Já foram defendidas centenas de teses e dissertações concentradas nas mais diversas temáticas abrangidas pela área educacional. Buscou-se, através da análise dos procedimentos metodológicos desses trabalhos, levantar informações acerca da organização, composição e condução dos GF realizados.

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo documental e qualitativo. Utilizou-se para a pesquisa o sistema de busca da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Uberlândia - BDTUFU. Essa plataforma teve seu início em 2005, por isso esse artigo concentra sua análise nas teses e dissertações defendidas no período de 2005 a 2012. Os demais trabalhos do PPGED foram descartados devido à falta de acesso ao material.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira busca resultou em um total de 267 teses e dissertações do PPGED armazenadas no BDTUFU. A segunda busca, mais refinada e detalhada, utilizou a opção “Busca avançada”, preenchendo os campos de resumo e título com as palavras “grupo focal”, “grupos focais” e “focus group” e obteve um retorno de 05 registros. Esses trabalhos estão apresentados no QUADRO 1.

Quadro 1 - Teses e Dissertações do PPGED que apresentam a palavra Grupo(s) Focal(is) em seus resumos e/ou títulos

Identificação	Título	Assunto	Grau	Ano
T1	A invenção do corpo e seus abalos: diálogos com o ensino de biologia	Corpo. Ensino de biologia. Currículo. Ensino médio.	Tese de doutorado	2010
D1	A educação sexual no contexto do ensino de biologia: um estudo sobre as concepções de professores/as do ensino médio em escolas de Uberaba - MG	Educação. Ensino de biologia. Diálogo ético e estético.	Dissertação de mestrado	2010
D2	As eleições diretas para diretores de escolas públicas municipais em Uberlândia: 2000 - 2004	Políticas públicas em educação. História da educação. Gestão escolar democrática. Eleições diretas para diretores.	Dissertação de mestrado	2010

D3	Escola cidadã em Uberlândia (MG): trajetória da elaboração do Projeto Político-Pedagógico no período 2001-2004	Escola Cidadã. Rede municipal de ensino de Uberlândia. Gestão democrática. Governo Zaire.	Dissertação de mestrado	2009
D4	A construção do pensamento histórico e das identidades juvenis: um estudo com jovens de 8ª séries do ensino fundamental	Datas cívicas. Pensamento histórico. Identidade juvenil. Educação. História - Ensino de primeiro grau. Educação moral e cívica.	Dissertação de mestrado	2008

Fonte: A autora

A seguir, os arquivos contendo a tese e dissertações completas foram salvos para posterior leitura. Desses, somente a D2 não disponibilizou o arquivo completo, sendo a leitura concentrada somente no resumo disponibilizado.

Utilização de Grupos Focais (GF) como técnica de coleta de dados em pesquisa qualitativas

Um dos pontos fortes dos grupos focais é a geração de discussões. De acordo com Flick (2009), ao proporcionar o debate, permitem revelar significados imaginados pelas pessoas, assim como permitem perceber como elas negociam esses significados. Além disso, possibilitam a exposição da diversidade e da diferença de opiniões, o que enriquece em muito o debate.

A subjetividade é um elemento importante na pesquisa qualitativa, por isso os grupos focais se encaixam tão bem nessa modalidade de pesquisa. Flick (2009, p. 25) aponta que “a pesquisa qualitativa leva em consideração que os pontos de vista e as práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados”, por isso “as opiniões do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa.”

Ainda, para esse autor, “os objetos [na pesquisa qualitativa] não são reduzidos a simples variáveis, mas sim representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos. Portanto, os campos de estudo não são situações artificiais criadas em laboratório, mas sim práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana” (FLICK, 2009, p. 24), o que demonstra a afinidade dos GF com a abordagem qualitativa.

Dos cinco trabalhos encontrados, quatro declararam-se puramente qualitativos e, um, definiu sua pesquisa como qualitativa-quantitativa.

Isso demonstra que há total coerência entre a utilização da técnica de grupo focal com o objetivo pretendido, mesmo na pesquisa de cunho misto, uma vez que autores como Minayo (2006); Flick (2009) e Bodgan e Biklen (1994) defendem o fim da dicotomia quali-quantitativa, afirmando que o uso combinado dos dois métodos é perfeitamente aceitável. Sendo assim, “um estudo poderá incluir abordagens qualitativas e quantitativas em diferentes fases do processo de pesquisa sem concentrar-se necessariamente na redução de uma delas a uma categoria inferior ou em definir a outra como sendo a verdadeira abordagem da pesquisa” (FLICK, 2009, p. 43).

Vantagens e desvantagens

De acordo com Gatti (2012), os grupos focais possibilitam uma maior profundidade na coleta dos dados de uma pesquisa, uma vez que facilitam a expressão de ideias e experiências, permitem perceber qual informação é censurada ou silenciada dentro do grupo e encorajam a participação de todos os membros, ações que poderiam ser pouco desenvolvidas em entrevistas individuais.

Os grupos focais também oferecem um conjunto de conceitos, ideias, opiniões, sentimentos, preconceitos, ações e valores que podem ser capturados pelo pesquisador. Além disso, o compartilhamento das informações e experiências enriquece o debate, gerando comparações, confrontos e complementações entre as falas dos envolvidos, o que pode se tornar uma fonte sólida para a construção dos conhecimentos buscados na pesquisa. Nessa técnica de coleta de dados, a complexidade das formas de pensar, de se comportar e as motivações em face de determinados aspectos de uma situação ou de um problema ficam explícitos e se manifestam naturalmente entre os participantes (GATTI, 2012).

Porém, como quaisquer outras técnicas de coleta de dados, os GF também apresentam algumas desvantagens, tais como: todo esse clima de interação e participação pode afetar algum participante, deixando-o tímido com relação à sua contribuição, ou seja, ele pode não fornecer informações ao grupo que, possivelmente, apareceriam em uma entrevista individual ou pode mascarar suas ideias (DE ANTONI *et al.*, 2001). Ainda em relação aos participantes, Gatti (2012) afirma que “reunir pessoas para trabalho em grupo focal nem sempre é fácil, e participantes potencialmente importantes podem não se engajar no grupo por desconfiança, por não se sentirem à vontade em participações coletivas, ou por terem limitações comunicativas, ou, ainda, por não se sentirem seguros à relatividade do anonimato e a confidencialidade nesse tipo de participação, que envolve muitas outras pessoas”.

O condutor do GF deve ter cuidado em não controlar demais o grupo (tempo e falas) e perder a fluidez da discussão, ele deve encontrar um ponto de equilíbrio.

Flick (2009) aponta como principal desvantagem a documentação dos dados de modo a permitir a identificação dos interlocutores individuais.

Os trabalhos T1, D1 e D2 não manifestaram na escrita do texto algum tipo de vantagem ou desvantagem em relação à utilização de GF em suas pesquisas, porém, na leitura das discussões dos dados coletados e nas considerações finais, percebemos que os debates puderam ser utilizados para alcançar seus objetivos. Já as dissertações D3 e D4 apresentaram os seguintes percalços enfrentados durante suas investigações:

Infelizmente, a dificuldade para agrupar os informantes de cada grupo focal, bem como a necessidade de realizar mais de um encontro na maioria desses grupos, implicou no atraso e consequente adiamento do cronograma previsto para a realização das entrevistas.

Por outro lado, erros de transcrição encontrados nos materiais entregues pelo pessoal especializado contratado, obrigou-nos a fazer uma revisão completa dos materiais escritos, situação esta que implicou ocupação de um período bem maior de tempo daquele que foi previsto para finalizar a primeira fase da pesquisa. (D3, p.51) Em cada escola, houve um espaço reservado para efetivar as discussões, porém como se tratava de um ambiente escolar, encontramos algumas dificuldades, posteriores, no momento da transcrição das fitas devido ao barulho. (D4, p. 22)

A pesquisadora da D4, já prevendo algum tipo de incômodo referente à gravação de imagens durante os GF escreveu em sua dissertação:

Com receio de que os jovens participantes da pesquisa ficassem incomodados com a filmagem e por implicar outros procedimentos metodológicos, resolvemos registrar os encontros apenas com gravações em áudio [...]. (D4, p. 21)

A vantagem dos grupos focais em possibilitar uma maior profundidade na coleta dos dados e na formação de novos conhecimentos fica expressa no trecho de uma das dissertações:

Acreditamos que as discussões dos grupos focais foram momentos singulares não somente para reflexão sobre o conhecimento histórico, sua relevância e significado em suas vidas, como também para suscitar questionamentos sobre o ensino de história. (D4, p. 132)

Organização do GF

De acordo com Minayo (2006, p. 269), os grupos focais “precisam ser planejados, pois visam obter informações, aprofundando a interação entre os participantes, seja para gerar consenso, seja para explicitar divergências”.

Alguns critérios devem ser seguidos para que as pesquisas com GF encontrem êxito. O GF deve ser composto pelo moderador, que é o condutor do debate, um ou dois redatores/observadores, que anotam fatos e pontos relevantes acontecidos durante os encontros, e os participantes.

Os grupos devem ser compostos entre 6 (seis) e 12 (doze) participantes, sendo o ideal 10 (dez). Sua duração não deve ultrapassar três horas, sendo o mínimo para cada sessão de uma hora e meia. (GATTI, 2012; FLICK, 2009).

O local de realização dos debates deve favorecer a interação entre os participantes. Pode-se optar por cadeiras avulsas, organizadas em círculo ou em volta de uma mesa (mais indicado, pois proporciona maior conforto aos participantes) (GATTI, 2012). Deve-se optar por um lugar arejado, iluminado e sem a presença de ruídos ou barulhos (para não prejudicar as gravações). Sugere-se, ainda, colocar um aviso na porta para evitar interrupções.

Quanto aos registros das interações, Gatti (2012) recomenda gravações em áudio ou vídeo, sendo que esse último requer mais cuidados, pois pode causar constrangimentos aos participantes. Deve-se ter cuidado com a disposição desses equipamentos e com a quantidade a ser utilizada, vale o lembrete de que mesmo os mais modernos equipamentos estão sujeitos a falhas. A presença de um técnico não é obrigatória, porém, se puder contar com uma pessoa para operar e verificar o funcionamento dos aparelhos

eletrônicos durante a realização dos grupos, não o dispense! Também é indicado que, mesmo com as gravações, sejam feitas anotações por escrito.

O pesquisador deve ter atenção ao elaborar o roteiro que irá conduzir os grupos focais. Ele deve ser preparado para orientar e estimular a discussão deve ser flexível de modo que permita ajustes no decorrer do trabalho (GATTI, 2012). Essa flexibilidade é importante, pois é ela que permite o acréscimo de tópicos não previstos ou abandonar uma ou outra questão definida inicialmente. Porém, sugere-se cuidado ao alterar o

roteiro, pois se pode perder de vista os objetivos da pesquisa.

Outro critério importante é, segundo Gatti (2012), a quantidade de grupos. O emprego de mais de um grupo permite ampliar o foco de análise e cobrir variadas condições que possam ser intervenientes ou relevantes para o tema. É comum utilizar procedimentos de definição de amostragens para definição dessa quantidade. (GOMES, 2005)

A figura 1 apresenta uma sugestão de como o grupo focal pode ser organizado.

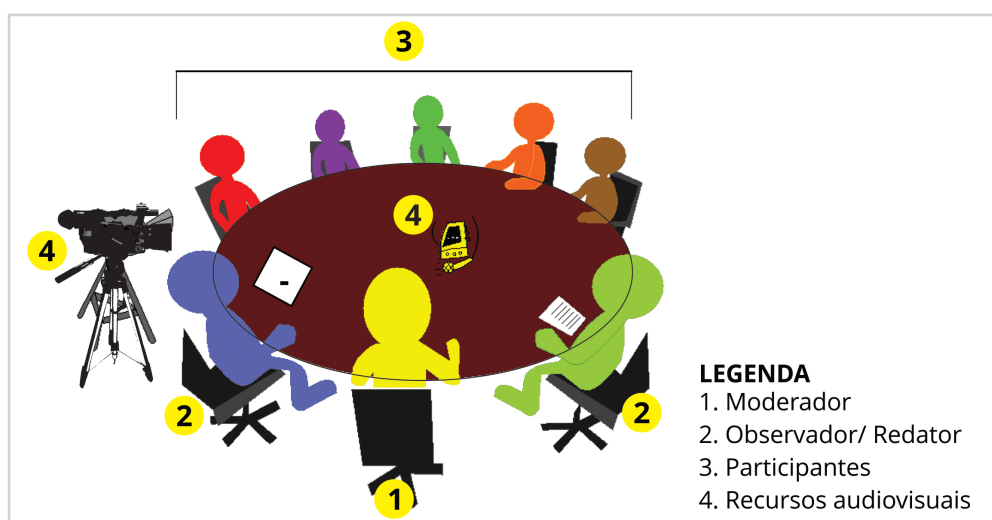


Figura 1: Organização do Grupo Focal
 Fonte: A autora

Tabela 1 - Organização dos trabalhos do PPGED/ UFU que utilizam grupos focais como técnica de coleta de dados - 2005 - 2012

Identificação	Qtd. de GF realizados	Qtd. participantes por grupo	Duração GF	Local realização	Equipamentos utilizados
T1	3	3 a 6	1h e 30min	UFU	Gravação em áudio
D1	1	6	NI	Sala com cadeiras e mesa em semicírculo	Gravação em áudio
D2	NI	NI	NI	NI	NI
D3	5	6	NI	NI	Gravador digital e fita cassete
D4	5	3 a 7	NI	Fora do horário de aula nas escolas escolhidas e em espaços reservados	Gravação em áudio

NI: Não Informado
 Fonte: A autora

Observa-se, na tabela 1, que os critérios de organização dos grupos focais propostos pela literatura foram seguidos pelos trabalhos que utilizaram essa técnica.

A D3, considerando a importância de se organizar bem o local para realização dos GF, escreveu em sua dissertação:

O local onde foi realizado o encontro com os/as educadores/as foi organizado com cadeiras e uma mesa que permitiu a disposição dos/as educadores/as em semicírculo, com abertura e posicionamento para visualizarem um telão onde parte de uma produção cinematográfica foi projetada. Trata-se de alguns trechos do filme “Pro dia nascer feliz”. (D3, p. 66)

Além da organização estrutural (local, equipamentos, roteiro etc.), outra preocupação dos pesquisadores é quanto à motivação do grupo para participar dos GF. Essa técnica de coleta de dados permite a utilização de dinâmicas, filmes, músicas, imagens para enriquecer as discussões acerca dos temas de pesquisa. Isso causa nos grupos um clima de descontração que contribui em muito para o debate. A seguir, apresentamos trechos dos trabalhos que descrevem a utilização de recursos diferenciados na condução dos grupos focais:

[...] Para incentivar a participação dos alunos, combinamos que haveria um lanche para os voluntários [...]. (D4, p. 22)

Além dessas questões propostas, realizamos duas dinâmicas. A primeira procedeu da seguinte maneira: foram distribuídas fichas, com as datas dispostas no questionário em cada uma, para que os alunos comentassem sobre eles e as ordenassem segundo sua relevância de maneira consensual começando no que fora considerado mais importante. [...] Na segunda dinâmica, distribuímos outras fichas com frases que abordavam diversas questões sobre a juventude, para que os estudantes as comentassem e separassem, conforme quisessem. (D4, p. 23-24)

A condução da conversa foi desenvolvida em torno das falas relacionadas à apresentação da noção de corpo trazida pelos dados clássicos da Biologia [...] com a percepção desta disciplina como uma produção cultural e social. Para otimização da dinâmica, a conversa foi mediada por imagens de corpo veiculadas pelo livro didático utilizado nas escolas. (T1, p. 56)

Características dos integrantes dos grupos focais

Participantes

Gatti (2012) apresenta sugestões de como escolher os participantes para os grupos focais. Dentre elas, destaca-se:

Os participantes dos grupos focais devem possuir características homogêneas, tais como idade, gênero, estado civil. O grupo deve ser homogêneo e não igual, para que ocorram variações de opiniões diferentes ou divergentes.

Grupos focais que envolvam discussões com marido e mulher devem merecer uma atenção especial dos pesquisadores, uma vez que, durante o debate, as mulheres podem sentirem-se constrangidas em emitir opiniões acerca de determinado assunto na frente dos maridos.

A familiaridade dos participantes com o moderador também deve ser evitada, pois laços de amizade entre esses dois membros podem enfraquecer as discussões, transformando o debate em uma conversa informal.

A adesão dos participantes deve ocorrer de forma voluntária, porém devem-se evitar componentes que já participaram de grupos focais, pois conhecem o processo e podem vir com ideias preconcebidas.

Moderador

O moderador exerce um papel importantíssimo nos grupos focais. É ele a figura responsável por manter a discussão fluente e com foco no tema de pesquisa. Além disso, impede que as manifestações se concentrem sempre nas mesmas pessoas e, quando isso acontecer, estimula os que ainda não falaram, lembrando-os que a opinião de todos é importante.

Obrigatoriamente, o moderador não precisa ser o próprio pesquisador, porém, a pessoa escolhida para essa função deve ser experiente, hábil e flexível para que seja capaz de conduzir o grupo com segurança, despertando confiança e empatia entre todos os participantes. A empatia é uma característica importante, pois um moderador rígido e muito formal pode deixar o grupo pouco à vontade e com baixa interatividade (GOMES, 2005).

O sucesso do grupo focal depende muito do moderador e, para isso, é imprescindível que ele não crie situações vexatórias ou emita seu ponto de vista em relação às contribuições dadas pelos participantes.

Observador ou redator

O papel do redator não é obrigatório, porém é um elemento importante.

Sua função consiste em fazer anotações por escrito sobre as principais informações concedi-

das, bem como ajudar na posterior identificação das falas dos participantes. Suas principais características são concentração e escrita rápida.

Os trabalhos D2 e D3 não informaram a composição de seus grupos focais. A pesquisa T1 optou pelo moderador (que foi a própria pesquisadora) e os participantes, assim como a D4 que compôs seus grupos com esses mesmos elementos. A D1 também elegeu como moderador o próprio pesquisador, porém a estrutura dos grupos contou com duas observadoras, além dos participantes.

O moderador, sujeito que introduz o assunto, propõe questões, ouve e coopera para que todos tenham a oportunidade de expressar suas ideias e, como, geralmente, ocorre, o papel do moderador é assumido pelo próprio pesquisador. Com essa compreensão, procurei estar atento àquilo que os/as professores/as viessem a revelar sobre suas próprias práticas cotidianas, comportamentos e atitudes relacionadas ao desenvolvimento dos conteúdos de Educação Sexual em suas aulas. O moderador [...] auxiliado por dois observadores/as que, com suas anotações, visam trazer dados que possam passar despercebidos. Nesta, investigação, duas biólogas, professoras e pesquisadoras da área de Educação Sexual assumiram a função de observadoras completando o trabalho de coleta de dados. (D1, p. 66)

A atividade foi coordenada por mim, na condição de professora pesquisadora deste estudo. [...] (T1, p. 55)

Organização/ interpretação e análise de dados

A análise de dados é um dos pontos mais relevantes de uma pesquisa, por isso deve-se ter consciência da escolha da técnica mais adequada ao que se pretende pesquisar e como os dados serão coletados, para que a análise não seja prejudicada.

O moderador e os observadores possuem informações que vão além do que foi gravado, pois eles estavam presentes durante os debates e guardam na memória as expressões faciais, o tom e o contexto das falas, por isso é importante que eles participem do momento de transcrição dos dados coletados. (GOMES, 2005).

De acordo com Flick (2009, p. 189), “como técnica analítica para os dados de grupo focal, sugere-se a utilização dos conteúdos das discussões, das codificações sistemáticas ou das análises de conteúdo”.

Para a análise dos dados coletados através do GF, é importante a leitura, várias vezes, dos depoimentos, seguida da indexação dos dados

(ordenação e categorização) a partir do destaque de temas ou padrões recorrentes. (RESSEL *et al.*, 2008)

O pesquisador deve entender que nem sempre é necessário utilizar todos os dados (GATTI, 2012), por isso, deve-se “tentar capturar as ideias principais que apoiem as conclusões da análise”. (GOMES, 2003)

Todos os trabalhos selecionados do PPGED informaram, em seus textos, a utilização da análise qualitativa dos dados coletados, o que está plenamente de acordo com a utilização de grupos focais como técnica de coleta dos dados e com a abordagem qualitativa eleita por essas pesquisas.

Combinação do GF com outras técnicas de pesquisa

Para Minayo (2006, p. 270), “é preciso reforçar o papel complementar dos grupos focais, além da sua importância específica e única. Junto com o uso das histórias de vida, das entrevistas abertas ou semiestruturadas e da observação participante, o pesquisador constrói uma série de possibilidades de informações que lhe permitam triangular olhares e obter mais informações sobre a realidade”. O argumento principal para essa proposição é, segundo Gomes (2003, p. 289), “o de que nenhuma opção metodológica é autossuficiente e não há obstáculos intransponíveis entre abordagens metodológicas distintas.”

Com exceção da D1, todas as pesquisas selecionadas utilizaram a combinação de duas ou mais técnicas de coletas de dados. Os grupos focais foram assim combinados: a T1 utilizou-se da pesquisa documental, de entrevistas com professores e GF com os alunos; a D2 optou pela pesquisa documental e GF; a D3 combinou o GF com entrevistas semiestruturadas individuais, questionários e, ainda, análise documental. Por fim, a D4 utilizou questionários fechados e GF.

Privilegiamos, nesta pesquisa, a abordagem quanti-qualitativa, tendo sido aplicados 134 questionários, em 05 escolas públicas e privadas da cidade de Uberlândia. Foram também desenvolvidos cinco grupos focais, com a participação de 28 jovens do universo dos 134 que responderam aos questionários. (D4, p. 6)

Para o desenvolvimento da pesquisa, realizei a leitura dos documentos oficiais de educação [...] (p. 40) [...] A pesquisa foi realizada com o uso da técnica do grupo focal com alunos (as) e da entrevista com professores(as) de quatro escolas públicas de Ensino Médio da cidade de Uberlândia - MG. (T1, p. 54)

No que diz respeito à materialização da pesquisa entre os professores e os pedagogos da RME/UDI, [...] procedeu-se à realização de entrevistas semi-estruturadas, grupos focais e à aplicação de um questionário individual [...] (D3, p. 49)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de se tratar de uma técnica recomendada para a área educacional, é apresentado apenas um percentual muito baixo (1,87%) das teses e dissertações do PPGED/UFU, defendidas entre 2005 e 2012, que utilizaram o grupo focal em suas pesquisas.

Importante destacar a combinação dos GF com outras técnicas de coletas de dados em quase todos os trabalhos. Isso demonstra a preocupação dos pesquisadores com o rigor científico em tornar suas pesquisas mais confiáveis.

Assim sendo, o grupo focal caracterizou-se como uma ferramenta capaz de criar condições para que os participantes possam inferir fazer críticas e se posicionar acerca da temática para a qual foram convidados a conversar, o que enriquece a coleta de dados e beneficia a análise de dados a ser realizada pelo pesquisador. Conclui-se, ainda, que essa técnica de coleta de dados configura-se como importante fonte de construção de dados em pesquisas qualitativas, principalmente na área da educação.

REFERÊNCIAS

CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como**

técnica de investigação. XIII Encontro da ABEP, Ouro Preto/MG, nov. 2002. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf> Acesso em: 25 jul. 2012.

DE ANTONI, C. et al. Grupo focal: Método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, n. 53(2), p.38-53, 2001.

FLICK, Uwe. Grupos focais/Dados multifocais. In: _____. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joyce Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2009.

GATTI, B. A. **Grupo focal em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2012.

GOMES, A. A. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. **EccoS - Revista Científica**, São Paulo, v. 7, n.2, p. 275-290, jul./dez. 2005.

GUI, R. T. Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. **rPOT**, v. 3, n. 1, p. 135-160, jan./jun., 2003

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

RESSEL et al. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, out./dez. 2008. p. 779-786.